AVALIAÇÃO COMO APRENDIZAGEM E AUTOAVALIAÇÃO: RESULTADOS ALCANÇADOS COM PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS, EM CURSO DE FORMAÇÃO

ASSESSMENT AS LEARNING AND SELF-ASSESSMENT: RESULTS ACHIEVED WITH ELEMENTARY SCHOOL TEACHERS – FINAL YEARS, IN A TRAINING COURSE

Simone Luccas[1]
Elizabete Rodrigues Fernandes Alexandre[2]

Resumo
Embora as tipologias avaliativas existentes sejam várias, a Avaliação como Aprendizagem (Earl, 2003) é o foco desta pesquisa, sobretudo pelo fato de ser a tipologia que melhor desenvolve a autonomia do estudante e compartilha com ele as responsabilidades do ato de avaliar. Salienta-se, contudo, que há poucos estudos sobre o assunto e seu conhecimento entre os professores ainda mostra-se incipiente, de modo que emerge a necessidade de disseminar tais estudos. Neste sentido, este trabalho busca responder à questão de pesquisa: De que modo a Avaliação como Aprendizagem pode influenciar a autorregulação da aprendizagem no ambiente escolar? Fixou-se como objetivo geral investigar indícios de aprendizagem por meio da autorregulação realizada a partir de uso da Autoavaliação, realizada no contexto da Avaliação como Aprendizagem. como suporte metodológico foi utilizado o mapeamento sistemático para investigar os estudos existentes sobre o assunto, bem como a pesquisa qualitativa conforme Flick (2009). Além disso, os dados produzidos com o curso formativo, realizado com professores dos anos finais do Ensino Fundamental, de uma cidade do Norte do Paraná, foram analisados à luz do Instrumento Analítico-Axiológico, proposto por Lucas (2014). Os resultados obtidos apontam para a importância do curso de formação continuada como meio de atualização dos conhecimentos dos docentes. A autorregulação é uma ação possível e necessária no ambiente escolar, constatada com as análises das respostas dos participantes ao início e ao término do curso.

Palavras-chave: Mestrado Profissional em Ensino; Avaliação Como Aprendizagem; Axiologia Relacional Pedagógica.

[1] Doutora em Ensino de Ciência e Educação Matemática (PECEM/UEL). Docente no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN) - Mestrado e Doutorado Profissionais e no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) - *Campus* Cornélio Procópio.
[2] Mestre em Ensino (PPGEN/UENP). Docente na Secretaria Estadual de Educação (SEED), Leópolis/PR e Quadro Próprio da Secretaria Municipal de Educação, Cornélio Procópio/PR.

Abstract
Although there are several existing assessment typologies, Assessment as Learning (Earl, 2003) is the focus of this research, mainly because it is the typology that best develops student autonomy and shares with them the responsibilities of the act of assessment. It should be noted, however, that there are few studies on the subject and its knowledge among teachers is still incipient, so that the need to disseminate such studies emerges. In this sense, this work seeks to answer the research question: How can Assessment as Learning influence the self-regulation of learning in the school environment? The general objective was to investigate signs of learning through self-regulation carried out through the use of Self-Assessment, carried out in the context of Assessment as Learning. as methodological support, systematic mapping was used to investigate existing studies on the subject, as well as qualitative research according to Flick (2009). Furthermore, the data produced with the training course, carried out with Elementary School teachers – Final Years, from a city in the North of Paraná, were analyzed in light of the Analytical-Axiological Instrument, proposed by Lucas (2014). The results obtained point to the importance of the continuing education course as a means of updating teachers' knowledge. Self-regulation is a possible and necessary action in the school environment, confirmed by analyzing participants' responses at the beginning and end of the course.

Keywords: Professional Master's Degree in Teaching; Assessment as Learning; Pedagogical Relational Axiology.

Introdução

A avaliação pode ser considerada um tema bastante desafiador nos tempos atuais, tendo em vista o momento pelo qual passa a forma como a avaliação tem sido tratada nas instituições de ensino. Estudiosos como Luckesi (2011) e Santos (2008) apontam uma tradição da avaliação vista como forma de classificação do indivíduo, assim como no passado, o problema observado em torno da avaliação na escola ainda é o mesmo: centrada na classificação do educando, dando-lhe uma nota, um valor. Nota-se que, como alerta Luckesi (2011), o núcleo do modo de agir se acimentou ao longo dos tempos, reportando que as mudanças existentes, desde que passou a ser praticada no meio educacional, foram superficiais. Deste modo, é essencial o resgate da avaliação formativa e processual (Santos, 2008, p. 4), de modo que o professor possa acompanhar e interferir dialogicamente no processo de aprendizagem do aluno, a fim de atingir os objetivos esperados.

Assim sendo, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar a forma de tratar a avaliação nas escolas, sobretudo, partindo da ação docente por meio de curso de formação que possa levar os professores a refletirem sobre o atual panorama das avaliações nas instituições de ensino e como novos conhecimentos a respeito de

conceito, procedimentos, tipos e critérios de avaliação podem ser cruciais nos processos de ensino e de aprendizagem. Além disso, estudos evidenciam uma escassez de trabalhos sobre as temáticas investigadas de Avaliação como Aprendizagem e Autoavaliação.

Levando em consideração esta carência, este artigo ancora-se sobre a seguinte questão de pesquisa: Um Curso de Formação Continuada de Professores envolvendo a temática de Avaliação como Aprendizagem pode influenciar a promoção da Autorregulação no ambiente escolar? Nesse sentido, o objetivo estabelecido foi investigar indícios de aprendizagem de professores em relação a sua autorregulação, realizada a partir da autoavaliação no contexto da Avaliação como Aprendizagem, em um curso de Formação Continuada.

Entendemos que, para além da visão de uma avaliação formativa e processual, algo preconizado tanto na Base Nacional Comum Curicular (BNCC), (Brasil, 2017), como no Referencial Curricular do Paraná (RCP), (Paraná, 2018), parte-se da Avaliação como Aprendizagem (Earl, 2003), na qual o aluno procede na autorregulação de sua aprendizagem e, neste sentido, a Autoavaliação assume um papel de suma importância. O papel do professor deixa de ser solitário e individual, dividindo, assim, as responsabilidades de avaliar com o próprio aprendente, tornando-o também participativo neste processo.

Encaminhamento metodológico

Esta é uma pesquisa de natureza pesquisa qualitativa, posto que se ancora em formulação empiricamente bem fundamentada de enunciados relacionados a sujeitos e situações (Flick, 2009), dito de outro modo, pesquisa como uma situação (curso de formação continuada) pode contribuir para o aprendizado, podendo reconstruir uma prática anterior, neste caso, a forma como os professores avaliam seus discentes.

Como a pesquisa gerou dados com a formação de professores, adotamos o questionário, visto por Gil (2002) como um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado. Desta forma, os participantes podem revelar seus conhecimentos e impressões sobre o tema investigado: a Avaliação como Aprendizagem e a Autoavaliação. Estes questionários nos servem de base para a análise da contribuição do curso de formação continuada no processo de aquisição

de novos conhecimentos pelos professores em serviço, além de evidenciar as contribuições da Avaliação como Aprendizagem (AcA) e a Autoavaliação para os processos de ensino e de aprendizagem, sendo vistas como parte integrante destes processos e facilitadores da autonomia dos estudantes.

Os dados oriundos da aplicação do PE foram analisados à luz do aporte teórico da Axiologia Relacional Pedagógica (ARP), de Lucas (2014), para o qual, o valor não está nem somente no objeto, nem no sujeito que valora, mas na relação que o sujeito estabelece com o objeto. A Axiologia – "teoria dos valores", segundo o dicionário filosófico Abbagnano (2007) – é aplicada à Educação e sistematizada por Lucas (2014) com fins metodológicos. É esta sistematização teórico-metodológica que se denomina Axiologia Pedagógica Relacional, à qual nos serve de aporte teórico para analisar as concepções dos professores participantes do curso de formação, observando a ampliação ou não de seus conhecimentos sobre a temática.

Aporte Teórico

Avaliação Educacional

O conhecimento a respeito do processo avaliativo é fulcral para a Educação e para os processos de ensino e de aprendizagem. Isto porque o educador que se preocupa de fato com a aprendizagem tem uma concepção de avaliação que se desvencilha da simples classificação do aluno (Luckesi, 2011; Earl, 2003; Santos, 2002).

O termo avaliação passou a ser mencionado e fazer parte da reflexão pedagógica nos anos de 1970, na França, quando os responsáveis pela formação contínua tentaram renovar seu vocabulário desviando-se de conotações excessivamente escolares (Barlow, 2006). O teórico Michel Barlow (2006), em seus estudos, faz um percurso tentando mostrar as facetas em torno do conceito avaliação.

No intuito de apresentar a complexidade da ação de avaliar, o estudioso nos mostra que, em diferentes percepções, o avaliar se expande de diversas formas, como avaliar para um perito é calcular com precisão determinada quantidade, em função de critérios definidos anteriormente, e, caso necessário, com a ajuda de instrumentos de medição. Ou avaliar pode ser também estimar aproximadamente uma quantidade, segundo modalidades que evitam definir com precisão. Ou ainda podem-se avaliar de

forma intuitiva ou subjetiva, como um animador experiente avalia o nível de ansiedade de um grupo ou um amante de vinho bochecha o suco vermelho-vivo para lançar seu veredicto (Barlow, 2006). Em suma, segundo o autor, "[...] avaliar é emitir um julgamento preciso ou não sobre uma realidade quantificável ou não depois de ter efetuado ou não uma medição" (Barlow, 2006, p. 12).

Ao traçar um percurso de análise etimológica do termo *évaluer* (avaliar), o estudioso conclui que nossos valores não são coisas e sim formas de ser. Nas palavras do autor, nessa perspectiva, "[...] avaliar é demarcar o grau de êxito e, ao mesmo tempo, as possibilidades ainda abertas de um "ser melhor", de uma realização "[...] revelar em uma conduta, a parcela de inteligibilidade já adquirida e a que falta adquirir" (Barlow, 2006, p. 13).

Partindo para o campo da prática, o estudioso explora a avaliação como um eco da ação, isto é, uma comunicação antes iniciada pelo professor, que num eco é respondida pelo aluno e, consequentemente, espera-se uma nova resposta do professor que, a partir da resposta do aluno, direciona o trabalho pedagógico, buscando de modo mais eficaz alcançar os objetivos inicialmente almejados. Assim, "[...] sendo uma mensagem que retorna, ou seja, *feedback,* a avaliação escolar tem como única finalidade melhorar o desenrolar da ação e torná-la mais condizente com seu projeto [...]" (Barlow, 2006, p. 15). Desta forma, a avaliação vista como eco em retorno da ação, estímulo a completar, a modificar, a aperfeiçoar a tarefa em andamento se revela mais claramente em sua função. Cabe, contudo, indicar o que avaliar quer dizer, algo que Barlow (2006) busca, definindo avaliação como "[...] o ato pelo qual, a propósito de uma ocorrência, seja de um indivíduo ou de um objeto, se emite um julgamento, remetendo-se a um ou vários critérios, independentemente de qual sejam eles ou objeto". (Barlow, 2006, p. 16-17). Em adição, esse pesquisador argumenta que esta fórmula pode parecer irrisória inicialmente, entretanto, ela oferece-nos um primeiro motivo para questionar qualquer prática de avaliação, partindo de: quem emite esse julgamento? O que se avalia exatamente? Como esse julgamento é formulado? E, principalmente, sob qual(is) critério(s)?. Desta forma, o autor enfatiza a importância de adoção de critérios, posto que "[...] *nos permite aprimorar um pouco mais a descrição intelectual de avaliação*" (Barlow, 2006, p. 17), pois o critério indica "[...] *ao mesmo tempo, as expectativas do julgamento do avaliador (é satisfatório porque...) e suas finalidades (eu avalio para...)*" (Barlow, 2006, p. 17).

Ainda no trabalho de definir a natureza da avaliação, o estudioso corrobora

com Charles Hadji (2001), apontando que a avaliação consiste em atribuir um “valor” ou um sentido a uma situação real e o avaliador não seria um observador ou um preceituador, mas sim um “comparador” ao medir a distância entre o que é e o que deveria ser. Por fim, Barlow (2006) explicita que:

> [...] a avaliação-comparação não poderia limitar-se a uma simples constatação, [...] Avaliar não é medir, atribuir um número a um objeto, [...] Avaliar é interpretar dados, fazer emergir sentido, revelar o qualitativo no quantitativo: o que significa esta nota? Esta prova? [...] diante deste número, quais as lacunas que ainda devem ser preenchidas e quais são, ao contrário, os pontos fortes sobre os quais se pode ter esperanças? (Barlow, 2006, p. 18).

Mediante estas reflexões e questionamentos, pode-se mencionar, assim, a Autoavaliação como uma forma válida e relevante de avaliação do aluno, colocando-o como o seu próprio avaliador, o próprio questionador, indagando-se sobre o objeto que fora estudado: o que significa esta nota? O que preciso ainda aprender? Por que eu não consegui aprender? De que forma eu aprendo melhor? Se, ao aluno, tornar-se corriqueiro esses questionamentos, ele poderá, juntamente com o professor, traçar melhor os caminhos para sua aprendizagem.

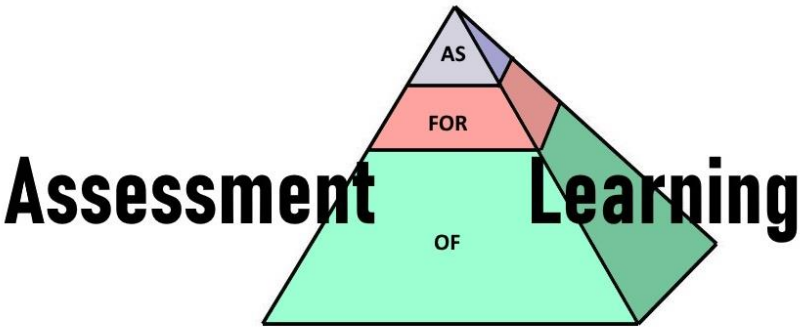
A Avaliação como Aprendizagem (AcA), assim denominada por diversos estudiosos, como Earl (2006), Torrance (2007), Mutch (2012), Hickey, Taasoobshirazi e Cross (2012) e Dann (2014), traz como pilar a Autoavaliação por considerá-la uma forma de avaliação formativa que tem como objetivo o fornecimento contínuo de *feedback* referente ao processo do aprendiz, servindo para definir as adaptações de atividades e avaliar as relações entre os resultados da aprendizagem e o processo de ensino (Allal, 1991).

Ainda que posto desta maneira, essa tipologia avaliativa é apontada por Black e William (2018) com algumas divergências de termos e de compreensão, sobretudo, em sua caracterização como: a) Avaliação da Aprendizagem (AdA), b) Avaliação para Aprendizagem (ApA) e, a mais recente, c) Avaliação como Aprendizagem (AcA). Principalmente a AcA, segundo Hayward (2015), apresenta uma variedade de definições dadas pelos estudiosos, de modo que sua conceituação ainda não é única e unânime.

Nesta pesquisa, considera-se a definição de Earl (2003), que assim conceitua: a) a AdA como a avaliação, cujos resultados são tornados públicos e servem como

certificado de proficiência, destinados à comunidade escolar; b) a ApA como a avaliação desenvolvida ao longo do processo de aprendizagem com o propósito de adequação para que o professor decida o que pode fazer para ajudar o aluno por meio de *feedback*; e c) a AcA, focada no aprendiz, objetiva desenvolver o *student agency* (atuação estudantil) e apresenta ênfase na avaliação como um processo de aprendizagem metacognitivo. Earl (2013) dispõe esses três tipos avaliativos em uma pirâmide considerando a presença de cada uma no contexto escolar, primeiramente apresentando a frequência com que cada tipo é tradicionalmente praticado nas salas de aula (Figura 1).

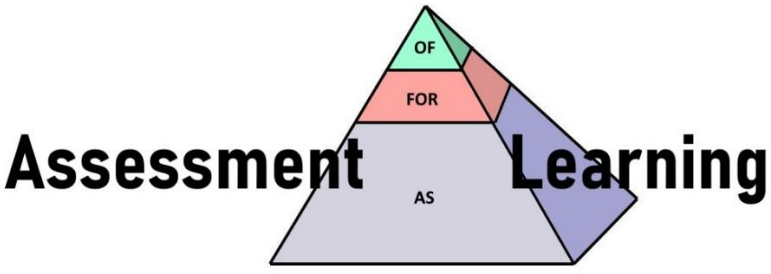
Figura 1: Pirâmide de avaliação tradicional



Fonte: Adaptada de Earl (2013, p. 31)

Nota-se que nesta pirâmide tradicional encontra-se na base a AdA, ou seja, este tipo vem sendo o mais utilizado no processo avaliativo. No entanto, para Earl (2013), a AcA deve estar na base desta pirâmide, sendo a mais utilizada e evidenciada nos processos de ensino e de aprendizagem. Assim, a autora propõe uma nova organização tipológica desta pirâmide (Figura 2).

Figura 2: Pirâmide avaliativa reconfigurada



Fonte: Adaptada Earl (2013, p. 32)

Segundo Earl (2013), essa nova reconfiguração sugere um tipo diferente de equilíbrio que enfatiza maior atenção à ApA e AcA, uma vez que o foco maior é a avaliação que contribua para a aprendizagem do aluno, pelo professor (para a aprendizagem) e pelo aluno (como aprendizagem) (Earl, 2013).

O foco desta pesquisa centra-se nos estudos, reflexões e contribuições deste terceiro tipo nomeado por Earl (2003), a AcA.

Ao evidenciar o uso da AcA no processo de ensino, é necessário que se tenha em mente uma aprendizagem como "[...] um processo ativo de reestruturação cognitiva que ocorre quando os indivíduos interagem com novas ideias" (Earl, 2006, p. 41, tradução nossa). Ao desenvolver a AcA em sala de aula, é essencial o estímulo a atitudes mais autônomas dos estudantes, que resultem em comportamentos que decorram na formação de "[...] avaliadores críticos que dão sentido às informações, as relacionam com o conhecimento anterior e as utilizam para novas aprendizagens" (Earl, 2006, p 41, tradução nossa). Pode-se inferir que um dos principais diferenciais desta tipologia resida no fato de que o aluno assume o papel de avaliador e destinatário principal de suas análises.

Resultados e Discussão

A análise de dados procede mediante a implementação do Produto Educacional (PE) intitulado "Curso de Formação Continuada: Avaliação como Aprendizagem – possibilidades para a autorregulação do aluno", que fora realizada entre os meses de junho e julho de 2024, com professores de diferentes componentes curriculares dos anos finais do Ensino Fundamental de uma cidade situada no norte do Paraná. O curso foi realizado em 5 (cinco) encontros e versou, sobretudo, sobre a Avaliação como Aprendizagem, a estratégia avaliativa da Autoavaliação e os intremeios para a realização de uma avaliação autorregulativa, que compartilha o processo de avaliar a aprendizagem.

A análise foi realizada conforme Lucas (2014) e seu Instrumento Analítico-Axiológico (Quadro 1), buscando compreender e refletir sobre as relações que os participantes apresentam com a avaliação e se o curso formativo ampliou sua concepção sobre o tema.

Quadro 1: Instrumento Analítico-Axiológico

Estabelecimento de uma relação - Exemplo: relação entre Ana e João -		
Objeto valioso	Sujeito que valora	Juízo de valor
João	Ana	João é um bom professor
Análise: a valoração (juízo de valor) atribuída a João, por Ana, está condicionada à relação existente entre eles. O valor "bom" que qualifica a ação docente de João é detectada, neste caso, a partir da relação: Ana, João, ação docente de João.		

Fonte: Lucas (2014, p. 97)

Uma vez apresentado o procedimento de análise dos dados, durante a aplicação do PE os participantes realizaram inúmeras atividades a fim de que pudessem expor seus conhecimentos sobre a Avaliação, em momentos variados no curso formativo, bem como evidenciar indícios de aprendizagem. Para dinamizar a leitura, o Quadro 2 apresenta os códigos utilizados na análise.

Quadro 2: Códigos e seus significados

Código	Significado
AD	Avaliação Diagnóstica
AF	Avaliação Final
AS	Autoavaliação Socializada
A1	Autoavaliação 1
A2	Autoavaliação 2
A3	Autoavaliação 3
A4	Autoavaliação 4
MM	Mapa Mental
Q1, Q2, Q3...	Questão 1, Questão 2, Questão 3...
P1, P2, P3...	Participante 1, Participante 2, Participante 3...

Fonte: Dados da pesquisa

As respostas ao questionário das Avaliações Diagnóstica e Final foram alocadas em quadros, de modo a visualizar as respostas em sua totalidade e não apenas excertos. Dos participantes que seguiram até o final um não respondeu ao questionário final do curso.

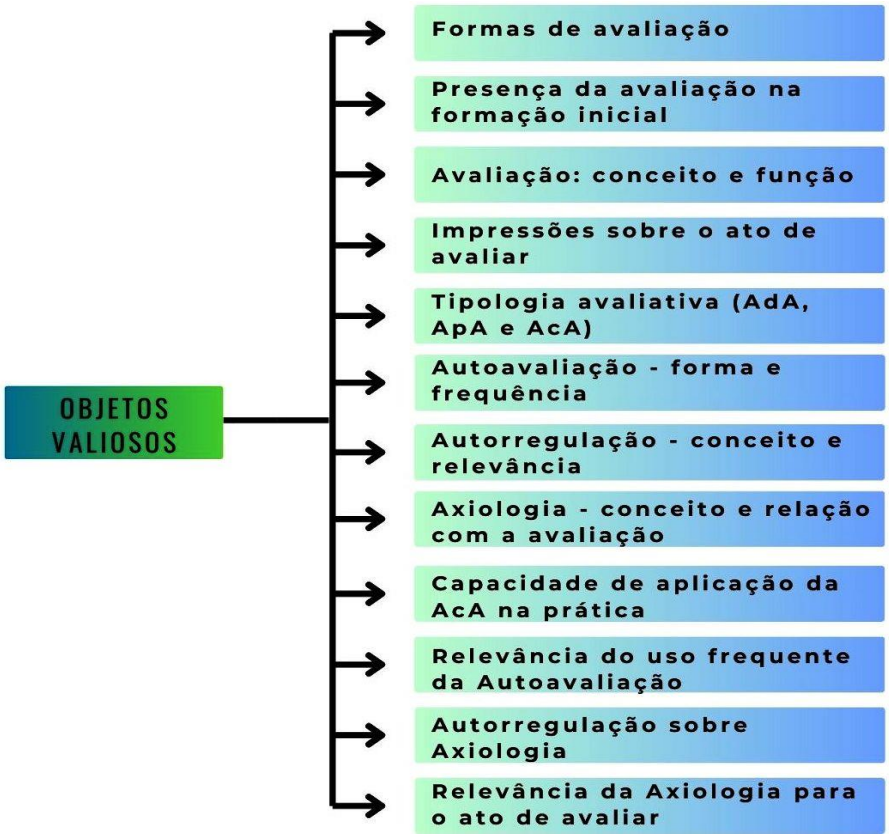
Os participantes do curso são docentes dos anos finais do Ensino Fundamental e atuam na área de ensino entre três e 32 anos, portanto a aplicação contou com profissionais iniciantes e experientes em suas carreiras. São professores de diferentes componentes curriculares, atuando em Matemática, Ciências, História, Educação Financeira, Português, Projeto de Vida, Práticas Experimentais, Inglês, Robótica, Pensamento Lógico. A maioria dos participantes, no ano decorrente do

curso (2024), atuava apenas nos anos finais do Ensino Fundamental, entretanto, todos têm formação para atuar, também, no Ensino Médio. Dos 12 participantes que iniciaram o curso, apenas dois são do sexo masculino.

Tendo em vista que este artigo é um recorte de uma pesquisa, os dados e análises aqui apresentados referem-se a apenas uma parte de uma pesquisa bem mais prolongada. Foram selecionados alguns pontos focais da análise.

Emergiram das atividades propostas no curso inúmeros Objetos Valiosos (OV), os quais foram sendo revisitados ao longo do curso, no sentindo de ir ampliando os conhecimentos dos participantes a respeito de cada aspecto sobre a Avaliação e a Autoavaliação. Mediante a análise das atividades propostas no curso, foram elencados 12 “Objetos Valiosos” conforme Lucas (2014) (Figura 3).

Figura 3: Objetos Valiosos



Fonte: Dados da pesquisa

Destes Objetos Valiosos, apresentamos a análise de somente seis em razão de sua relevância para apresentar os aspectos mais importantes da pesquisa e do espaço limitado do artigo, analisados na sequência.

O Objeto Valioso – Avaliação: conceito e função – terceiro elencado (Figura 3), busca compreender qual é o conceito e a função da avaliação na concepção dos professores. As respostas dos participantes foram variadas e estão transcritas no Quadro 3.

Quadro 3: Objeto Valioso "Avaliação: conceito e função"

Q3AD - **Qual é a função da avaliação em suas aulas?**		
Objeto Valioso	**Sujeito que valora**	**Juízo de valor**
Avaliação: conceito e função	P1	Saber se o aluno esta aprendendo o conteúdo.
	P2	Conhecer a história do aluno, o meio social, anseios e dificuldades, após proporcionar ferramentas que contribuam para a aprendizagem significativa, como rodas de conversas, experimentos, oralidade, criatividade, raciocínio lógico, interpretações de roteiros e soluções problemas e até mesmo poder ter um feedback da assimilação do componente curricular ou contribuição para sua aprendizagem.
	P3	Para alunos ficar mas atento com assunto proposto.
	P4	Ajudar os educandos na aprendizagem.
	P5	A absorção de conteúdo.
	P6	Diagnosticar o que foi aprendido e o que deve ser retomado para a recomposição dos conteúdos não assimilados.
	P7	Verificar o aprendizado do aluno bem como identificar o que precisa ser retomado.
	P8	Avaliar se o aluno de fato teve uma aprendizagem significativa ou teve uma assimilação do conteúdo e válido a aprendizagem com as aulas prática, esse é o esperado.
	P9	Ver se o aluno realmente se apropriou do assunto.
	P10	Avaliar o aprendizado dos alunos e se o ensino está sendo eficaz.
	P11	Diagnosticar o que o aluno conseguiu internalizar e o que ainda precisa ser trabalhado um pouco mais e, talvez, de uma forma diferente das anteriores, uma vez que o principal objetivo é levar o aluno a assimilar os conceitos e conteúdos e utilizá-los na prática.
	P12	Identificar conhecimentos prévios, detectar dificuldades e planejar as aulas.

Fonte: Dados da pesquisa

Ao relatar a função da avaliação, os participantes utilizaram alguns verbos iniciais em suas respostas que revelam indícios de sua impressão sobre a questão, tais como "saber", "conhecer", "ajudar", "diagnosticar", "verificar", "identificar", "avaliar", "detectar". São verbos que evidenciam a busca por um saber em relação ao aprendizado do aluno. A maioria dos professores atribuem a esse "saber" o primeiro passo para a tomada de decisões futuras, à medida que houve aprendizado ou não, como afirma P6 a cerca da função da avaliação "*Diagnosticar o que foi aprendido e o que deve ser retomado para a recomposição dos conteúdos não assimilados*"(P6ADQ3), ou ainda P7, para quem a função da avaliação é "*Verificar o*

aprendizado do aluno bem como identificar o que precisa ser retomado" (P7ADQ3). Para ambos participantes, a avaliação tem uma função prognóstica, uma vez que, no caso do professor, o orienta em novos caminhos para alcançar determinados objetivos de aprendizagem antes não alcançados com os alunos.

Para além de ações futuras, P1 salienta o processo formativo da avaliação, pois visa "*saber se o aluno esta aprendendo o conteúdo*" (P1ADQ4), ou seja, a avaliação, neste sentido, ocorre durante o processo de ensino. A resposta de P4 nos releva, ainda, uma aproximação com uma avaliação como parte integrante dos processos de ensino e de aprendizagem, posto que entende sua função como a de "*Ajudar os educandos na aprendizagem*" (P4ADQ4), ou seja, a avaliação é vista como um mecanismo de aprendizagem.

Em relação ao Objeto Valioso "Avaliação – conceito e função", buscou-se uma discussão ao longo do curso que levassem os participantes a ampliarem seu conceito de avaliação e a funcionalidade que atribuem a ela. Partimos de impressões iniciais dos participantes para um aprofundamento cada vez maior sobre a avaliação. O conceito a que nos embasamos recorre a Santos (2002, p. 01) para quem a avaliação é um "[...] acto de regulação das aprendizagens", sendo esta entendida como "[...] todo acto intencional que, agindo sobre os mecanismos de aprendizagem, contribua directamente para a progressão e/ou redireccionamento dessa aprendizagem" (Santos, 2002, p. 01). Assim, ao longo do percurso formativo, esperou-se que ao término do curso, os participantes pudessem dialogar sobre avaliação seguindo por este viés, ampliando os limites, que os professores adentrassem ao mundo da Avaliação como Aprendizagem, cujo viés centra-se na aprendizagem monitorada e regulada pelo próprio estudante.

Ao observar os exertos sobre conceito/impressões, função da avaliação, percebemos um percurso nítido percorrido pelos participantes do curso, uma ampliação substancial em suas visões sobre a avaliação. Se por um lado, na AD, os participantes recorrem a termos como "verificar", "diagnosticar", "avaliar", "absorção", "direcionar", "ensino", "conteúdo", "trabalho", sempre sintagmas que se centralizam na ação docente, numa visão hierárquica daquele que, de cima, verifica, avalia; partimos, por outro lado, na AF, para termos que foram recorrentes ao longo do percurso formativo e que passaram a fazer parte da discussão sobre avaliação pelos participantes, a saber: "monitorem", "próprio conhecimento", "seu desenvolvimento", "própria autonomia", "habilidade de refletir", "próprio aprendizado", "protagonista",

termos e expressões estas que refletem uma consciência mais ampla do que de fato seja avaliar e a funcionalidade deste ato. Há uma centralidade explícita no estudante, no discente monitorando, analisando, refletindo sobre a "própria aprendizagem", de modo que seja possível ao aluno compreender que "[...] *tanto ele quanto o professor desempenham papéis importantes no processo de aprendizagem*" (P11AFQ1).

Neste sentido, o olhar dos participantes para o ato de avaliar se expande para um processo que se amálgama aos processos de ensino e de aprendizagem, de modo que "[...] avaliação e aprendizagem tornam-se inextricavelmente interligados, de modo que seus processos servem um ao outro [...]"(Dann, 2014, p. 164 – tradução nossa).

Aspecto importante a salientar é o uso recorrente do adjetivo "próprio(a)" que nos remete ao ato reflexivo voltado para o próprio sujeito, elevando o conceito de avaliação para a autorregulação, ou seja, a visão de avaliação passa de ato praticado unicamente pelo docente para uma avaliação realizada pelo próprio sujeito, isto é, ancorados pelos paradigmas da AcA, passam a compreender a avaliação a partir do rompimento do "[...] modelo no qual o aluno é apenas um usuário das informações advindas da avaliação e passa a considerá-lo como ator de um processo no qual contribui e é parte integrante da aprendizagem" (Alcântara, Loureiro e Linhares, 2021, p. 14).

"Impressões sobre o ato de avaliar" é o quarto Objeto Valioso e busca evidenciar qual é o entendimento de avaliação que possuem os participantes. Suas respostas se deram mediante a pergunta "O que você pensa sobre o ato de avaliar?", de modo que o professor podia conceituar o processo avaliativo, bem como emitir uma opinião sobre ele. O Quadro 4 revela os Juízos de Valor (JV) a respeito da questão.

Quadro 4: Objeto Valioso "Impressões sobre o ato de avaliar"

Q4AD – **O que você pensa sobre o ato de avaliar?**		
Objeto Valioso	**Sujeito que valora**	**Juízo de valor**
Impressões sobre o ato de avaliar	P1	Falho já que é grande maioria das vezes é para obter nota.
	P2	Deve ser organizado, planejado, consistente e evolutivo.
	P3	Ótimo.
	P4	Apoiar os alunos; Verificação das deficiências na aprendizagem e a recomposição da aprendizagem.
	P5 e P9	Necessário.
	P6	É algo muito complexo que deve acontecer com muita responsabilidade, pois como entender o que realmente devemos saber. Então pra mim as avaliações devem ocorrer de forma diagnóstica para não cometer enganos e injustiças.
	P7	Penso que é fundamental, para direcionar o trabalho realizado.

	P8	Muito necessário, porque a partir da avaliação nós professores temos um parâmetro de como esta indo a aprendizagem do aluno em relação aos conteúdos, é como se fosse um "feedback" momentâneo do professor.
	P10	Importante, pois nos ajuda a observar em que devemos melhorar para atingir o aprendizado eficaz.
	P11	Acredito que avaliar vai muito além de atividades escritas e inúmeras folhas de papel, a avaliação é um processo contínuo, o aluno precisa ser avaliado o tempo todo.
	P12	É uma forma de monitorar e comparar o desempenho dos alunos consigo e os colegas de fala. Também penso que seja uma forma de obter feedback do aluno e também observar pontos a serem aprimorados no desenvolvimento do meu trabalho.

Fonte: Dados da pesquisa

Neste objeto, o participante teve espaço para evidenciar sua perspectiva a respeito da avaliação. A questão deu abertura para o participante falar sobre suas impressões sobre esse processo, apresentando a concepção, a importância em relação à sua função ou mesmo como a avaliação é praticada no ambiente escolar, tendo em vista que ela sempre esteve neste espaço e sua evolução apresentada ao longo dos tempos foram mínimas. Inúmeras adjetivações emergiram, a saber: organizado, consistente, planejado, falho, contínuo, importante, necessário, fundamental, complexo. Em sua grande maioria, percebemos que a avaliação é vista como essencial nos processos de ensino e de aprendizagem e que precisa ocorrer o tempo todo, pois "[...] *vai muito além de atividades escritas e inúmeras folhas de papel, a avaliação é um processo contínuo, o aluno precisa ser avaliado o tempo todo*" (P11ADQ4). Ao associar a avaliação à atribuição de notas, P1 a vê como falho. Embora os participantes evidenciem um desconhecimento do termo autorregulação, observado por meio de resposta à Avaliação Diagnóstica, P6 já dá indícios de reflexão a respeito de nossos aprendizados, uma vez que se indaga "[...] *como entender o que realmente devemos saber*" (P6ADQ4), ou seja, o avaliador, que também pode ser o avaliado se for uma avaliação autoavaliativa, precisa conhecer onde se espera chegar seu aprendizado (objetivos) para compreender e analisar em que situação se encontra em um determinado momento.

O sexto Objeto Valioso – Autoavaliação – forma e frequência – busca saber se os professores utilizam este instrumento avaliativo, totalmente linkado à AcA, e com que frequência o fazem.

Quadro 5: Objeto Valioso “Autoavaliação - forma e frequência”

Q6AD - **Você já utilizou ou utiliza a autoavaliação em suas aulas? De que forma?**		
Objeto Valioso	**Sujeito que valora**	**Juízo de valor**
Autoavaliação - forma e frequência	P1, P3, P8	Não.
	P2	Sim, como auto-reflexão e também para que o mesmo possa repensar suas atitudes.
	P4	Sim, porém não sei se de foma adequada. Investigação no estudante.
	P5	Sim. De acordo com o entendimento geral da turma.
	P6	Às vezes pois é importante o aluno se autoavaliar pois há situações em que há pessoas que se valorizam muito e outras menos e essa prática pode levar a pessoa a se conhecer melhor. Desde que haja reflexão.
	P7	Sim, através de questionamentos relacionado ao conteúdo trabalhado onde os alunos respondiam com emoji de emoções.
	P9, P12	Nunca utilizei.
	P10	Sim, observações durante as aulas se a forma como estou conduzindo as aulas está atingido o ensino aprendizagem dos alunos.
	P11	Já, no caso foram perguntas sobre o conteúdo, na qual o aluno iria avaliar o quanto conhecia a respeito do conteúdo trabalhado em questão e como se sentia em relação a ele.

Fonte: Dados da pesquisa

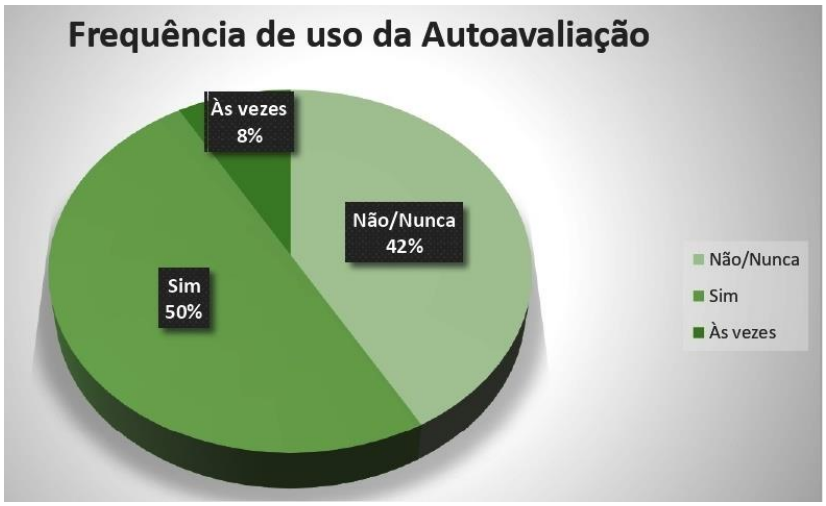
Este Objeto Valioso evidenciou explicitamente o uso ou não da autoavaliação e, implicitamente, o que os professores entendem por Autoavaliação, na medida em que descortinam a forma como praticam-na. Embora, sete dos participantes tenham afirmado utilizar a Autoavaliação, umas das palavras-chave deste procedimento avaliativo – a reflexão – aparecem em apenas duas respostas, cujas afirmativas são de que é “[...] *importante o aluno se autoavaliar pois há situações em que há pessoas que se valorizam muito e outras menos e essa prática pode levar a pessoa a se conhecer melhor. Desde que haja reflexão*” (P6ADQ6). Quanto à forma como o procedimento é apresentado ao estudante, não é especificado nas respostas de que forma ele ocorre, o máximo que é evidenciado é a observação (do professor, neste caso, se autoavaliando) (P7ADQ6) e os questionamentos (P7ADQ6 e P11ADQ6).

Cabe refletir sobre a forma como a Autoavaliação é aplicada ao estudante, tendo em vista que a participação do mesmo no ato de avaliar é central, ou seja, a emissão de um aprendizado ou não e o porquê de sim ou de não devem partir essencialmente do estudante. Neste cenário, ao explicitar o uso de “[...] *perguntas sobre o conteúdo, na qual o aluno iria avaliar o quanto conhecia a respeito do conteúdo trabalhado*” (P11ADQ6), como forma de Autoavaliação, o professor consideraria o que o aluno apresentou de conhecimento (o conteúdo) ou a própria avaliação do discente sobre o que ele aprendeu sobre o conteúdo? Quando o

professor considera e pondera a reflexão do aluno sobre o que ele aprendeu, o que não aprendeu e por que não aprendeu, além de expressar de que modo aprenderia mais, então pode-se dizer que o professor tem praticado o instrumento autoavaliação. Para Santos (2002, p. 2), “A auto-avaliação é um processo de metacognição, entendido como um processo mental interno através do qual o próprio toma consciência dos diferentes momentos e aspectos da sua actividade cognitiva.”, assim, o aprendiz participa ativamente, não só do processo de aprendizagem, bem como de avaliação, tomando parte das informações sobre sua aprendizagem.

Dos participantes, cinco afirmaram não utilizar a Autoavaliação, por meio de advérbios de negação ou de tempo; um afirmou que utiliza às vezes; um afirmou já ter utilizado, inferindo-se que utilizou apenas uma vez, e os demais afirmaram utilizar a Autoavaliação de alguma forma (Gráfico 1).

Gráfico 1: Frequência de uso da Autoavaliação pelos participantess



Fonte: Dados da pesquisa

O sétimo Objeto Valioso – Autorregulação: conceito e relevância – emergiu das Questões 7 e 8, em que buscavam depreender dos participantes se sabiam do que se tratava o termo e de sua relevância para o processo avaliativo. No Quadro 6, é possível observar que mais de 58% das respostas são “desconheço” ou “não sei”, relevando um desconhecimento por parte dos docentes em relação à autorregulação, de modo que infere-se que, no processo avaliativo, realizado por estes docentes, não há a intencionalidade de autorregulação e que, se ela ocorre, é de modo assistemático.

Quadro 6: Objeto Valioso "Autorregulação: conceito e relevância"

		Q7AD - **Para você, que é "autorregulação"?**	Q8AD – **Em sua opinião, a autorregulação é importante para a aprendizagem? Comente.**
Objeto Valioso	**Sujeito que valora**	**Juízo de valor – conceito**	**Juízo de valor – relevância**
Autorregulação: conceito e relevância	P1	Desconheço esse termo.	Desconheço esse termo.
	P2	Desconheço.	Creio que eficaz porém , falta um pouco de entendimento sobre o assunto.
	P3	Desconheço	Desconheço
	P4	É a verificação da aprendizagem, fazendo reflexão do que foi aprendido, o próprio estudante se avalia, faz a verificação antes, durante e depois da aprendizagem.	Extremamente importante! Apoia a adequação e a retenção da aprendizagem pelo estudante.
	P5	Desconheço.	Não posso opinar.
	P6	É aprender a controlar minhas reações e emoções para poder reagir frente aos estímulos positivos e negativos.	Com certeza a partir do momento em que controlamos nossas emoções e reações podemos reagir de forma melhor, e tendo um autoconhecimento.
	P7	Uma maneira de rever suas atitudes.	Sim, é fundamental rever a maneira que estamos agindo enquanto professor para melhorar nossa conduta.
	P8	É uma forma de nós controlarmos nossas emoções e comportamentos perante a determinadas situações.	Sim, a aprendizagem significativa são vários pilares e a autorregulação é um dos pilares, se o aluno não tiver controle psicológico sobre as situações que ele enfrentam no dia a dia e essas situações prejudicar o psicológico e comportamento , dificilmente ele irá aprender algum conteúdo se eles não tiver concentrado.
	P9	Não sei.	Não sei responder.
	P10	Não sei.	Não sei informar.
	P11	Desconheço este termo.	Desconheço este termo.
	P12	É uma forma da pessoa se auto gerenciar.	Imagino que alguém que se autorregulo seja capaz de controlar seus excessos, como o comportamento no caso de alunos e, também consiga julgar melhor os momentos e formas de se expressa. O que também penso que ajude na concentração.

Fonte: Dados da pesquisa

A Q7 indaga "Para você, o que é autorregulação?" e a Q8 "Em sua opinião, a autorregulação é importante para a aprendizagem? Comente". As duas questões estão entrelaçadas, uma vez que é necessário saber o que é autorregulação (Questão 7) para reconhecer ou não sua relevância para a aprendizagem (Questão 8). Assim, se na Q7 o participante afirma desconhecer o termo, consequentemente, na Q8, ele não estará apto a associar a importância do termo à aprendizagem do discente ou, minimamente, é o que se espera na lógica.

Das respostas afirmativas ao conhecimento do termo autorregulação, nota-se que dois participantes associaram o termo ao radical “regula”, de modo que há trechos relatando sobre o controle de reações. Assim, para eles, autorregulação é “[...] *uma forma de nós controlarmos nossas emoções e comportamentos*” (P8ADQ7) e “*aprender a controlar minhas reações e emoções*” (P6ADQ7). Ainda nesta linha semântica, tem-se autorregulação como “[...] *uma forma da pessoa se auto gerenciar*” (P12ADQ7), diferenciando-se das duas respostas anteriores pelo uso do radical “auto”, indicando a ação realizada e voltada para o próprio sujeito. Percebe-se, portanto, que ocorre uma dedução do que seja o termo e não propriamente a conceituação por meio de um conhecimento já estabelecido, posto que não se constata excertos relacionando a autorregulação à avaliação, ou seja, a autorregulação como um meio de controle e manutenção da própria aprendizagem.

O tópico sobre Axiologia foi abordado no quarto encontro do curso, já na reta final, agregando ainda mais componentes essenciais para uma prática avaliativa consciente e adequada ao contexto educacional. Assim como abordado no curso, os participantes mencionaram em suas respostas os dois tipos de Axiologia: a objetivista e a subjetivista, sendo que a objetivista “*atribui valor ao objeto*” (P1AFQ6) e a “*axiologia subjetivista o valor está na pessoa*” (P7AFQ6). Lucas (2014) agrega um novo olhar à Axiologia, denominando-a de Axiologia Relacional Pedagógica (ARP), cuja centralidade reside na “[...] *relação entre os sujeitos, professor-aluno, aluno-professor, aluno-aluno...*” (P11AFQ6). Neste sentido, foi possível perceber indícios de aprendizagem sobre os conceitos básicos sobre a Axiologia, o que não assegura, contudo, a sua relação com a avaliação, algo que será possível observar nas respostas referentes à Questão 7, na qual emergiu o Objeto Valioso “Relevância da Axiologia para o ato de avaliar”.

A Q7, da Avaliação Final (AF), estabeleceu o seguinte questionamento: “De que forma a Axiologia pode ser importante no ato de avaliar?” Com isso, os participantes precisaram não só acionar o conhecimento adquirido sobre Axiologia, mas refletir sobre sua importância e relevância no ato de avaliar. Estudiosos vem pesquisando sobre a relevância da Axiologia na Educação, entendendo que pensar a prática educativa sem referenciais axiológicos de base significa ignorar a capacidade de formar cidadãos sensíveis às constantes mudanças, preparados para a vida em sociedade e capacitados para deliberações sobre temas complexos como a dignidade

da pessoa humana, a ordem econômica e o desenvolvimento sustentável, por exemplo (Lucas, 2016, p. 516).

Quando pensada diretamente aplicada à avaliação, há que se refletir que nenhuma forma de avaliação é neutra, ela é sempre carregada de valores, por mais objetiva que se intenciona ser, ela é carregada de aspectos subjetivos e sociais. Neste sentido, Hadji (2001, p. 53) afirma que, independente da intenção avaliativa, seja certificativa, ou formativa, "[...] a escolha dos objetivos avaliados, assim como a definição de critérios e dos patamares de êxito, jamais é neutra. Ela expressa e traduz preferências individuais e/ou sociais, em si sempre discutíveis". Espera-se que os participantes consigam refletir sobre estas questões envoltas sobre as influências axiológicas sobre a avaliação.

O Quadro 7 apresenta as impressões dos participantes da pesquisa neste Objeto Valioso – Relevância da Axiologia para o ato de avaliar.

Quadro 7: Objeto Valioso "Relevância da Axiologia para o ato de avaliar"

Q7AF - **De que forma a Axiologia pode ser importante no ato de avaliar?**		
Objeto Valioso	**Sujeito que valora**	**Juízo de valor**
Relevância da Axiologia no ato de avaliar	P1	Voce avaliar o todo, tanto a pessoa como o que foi feito.
	P2	O Participante não respondeu à Avaliação Final.
	P3	Desistiu.
	P4	A axiologia, o estudo dos valores, é crucial no ato de avaliar porque oferece uma base ética e filosófica para a avaliação. Integrar princípios axiológicos na avaliação ajuda a assegurar que o processo não seja apenas técnico, mas também justo, significativo e alinhado com valores educacionais fundamentais. A axiologia oferece uma base sólida para que a avaliação seja conduzida de maneira ética, justa e significativa. Integrar valores axiológicos no processo de avaliação promove um ambiente educacional mais equitativo e holístico, onde os alunos não são apenas medidos por seu desempenho acadêmico, mas também apoiados em seu desenvolvimento integral. Isso resulta em uma experiência de aprendizagem mais rica e em uma preparação mais abrangente para os desafios da vida.
	P5	Na relação pessoal entre professores e estudantes, o quanto o aluno consegue se empenhar e se desenvolver por si só e a complementação da aprendizagem via professor.
	P6	No momento de atribuir valores, para analisar nossas ações.
	P7	O desempenho do aluno está na relação existente entre ele e o professor.
	P8	Tenho pouco conhecimento sobre esse assunto , pois eu faltei em um dos encontros , mas creio que esse termo ajuda nós professores a entendemos mais sobre o aprendizado de nossos alunos e a entender a nossa relação entre professore e aluno.
	P9	Colocar o aluno como protagonista da aprendizagem.
	P10	É importante porque precisa pensar em seus critérios, a avaliação não pode ser neutra é preciso pensar nessa relação.

	P11	É importante para a relação entre os sujeitos.
	P12	A importância se da no sentido do que é prioritário para quem está aprendendo. Exemplo, ao observar um relógio o observador admira o objeto, mas também ele pode reprovar o mesmo dependendo de quem o está utilizando. Ou seja, ao realizar uma avaliação, a importância a axiologia se da na relativização, pois esta, não mantém um posicionamento neutro ou ambíguo, ela toma partido Objetivista (o Relógio) ou subjetivista (a Pessoa).

Fonte: Dados da pesquisa

Grande parte das respostas deixa claro que houve uma autorregulação sobre a Axiologia e sua relação intrínseca com o ato de avaliar. Para P4, "[...] *integrar princípios axiológicos na avaliação ajuda a assegurar que o processo não seja apenas técnico, mas também justo, significativo e alinhado com valores educacionais fundamentais*" (P4AFQ7). Já P11 salienta que é "*Importante para a relação entre sujeitos*" (P11AFQ7), neste sentido, o participante se apoia na ARP, que traz o enfoque dos valores para a relação entre os sujeitos. No mesmo viés segue P12: "[...] *ao realizar uma avaliação, a importância a axiologia se da na relativização, pois esta, não mantém um posicionamento neutro ou ambíguo*" (P12AFQ7). O que P12 ratifica é que a Axiologia contribui abundantemente no processo avaliativo na medida em que nos leva a refletir que o ato avaliativo não está centrado diretamente na aprendizagem/desenvolvimento do aluno, tampouco nas percepções do avaliador, mas também nas relações que se estabelecem entre os sujeitos da avaliação, isto é, entre professor e aluno. Tendo isto em vista, o docente mune-se de cuidados adequados para que não emita julgamentos baseados na relação que mantém com o avaliado, fazendo destes o mais adequado e justos possíveis. Além disso, reforçamos o uso da AcA que, centrada e realizada pelo aprendiz, elimina o perigo de uma avaliação tendenciosa, posto que parte da avaliação é realizada pelo próprio estudante.

A Autoavaliação, instrumento central na tipologia da AcA, apresentou também uma grande ampliação de olhar por parte dos participantes. Foi explicitado, por meio dos resultados dos dados gerados, que este instrumento é extremamente valioso para a construção de uma avaliação que compartilha com o estudante o ato de avaliar, sendo este peça-chave no processo de avaliação. Assim, observamos discussões convictas de que a Autoavaliação precisa ser frequente no cotidiano escolar, realizada, no mínimo a cada quinze dias, sendo, no entanto, incorporada à aula como parte do aprendizado e, principalmente, um momento em que o estudante reflete

sobre seu próprio aprendizado, possibilitando a autorregulação para futuros aprendizados, posto que direciona, tanto o discente, quanto o docente, sobre o modo com que o discente aprende mais e melhor. O foco não é apenas o que aprendeu (o conteúdo), mas também como aprendeu e porque aprendeu ou não.

A Axiologia foi um conceito abordado apenas no Encontro 4, mas fortemente abstraído pelos participantes, que imbuídos por outros termos igualmente relevantes para o ato de avaliar, tiveram extrema facilidade de apropriar-se do seu significado e relevância para o ato de avaliar. Se na AD, o desconhecimento sobre o termo era quase total, na AF, a autorregulação sobre a Axiologia foi unânime, mostrando que houve minimamente a compreensão e a relação contígua com o processo avaliativo.

A Axiologia, portanto, mostra-se essencial no processo avaliativo, sobretudo, a ARP, posto que oferece ao professor, subsídios para analisar suas ações em relação à avaliação, mostrando que um mesmo instrumento avaliativo pode apresentar infinitas perspectivas, olhares e, por mais que o docente tente incutir-lhe impessoalidade, ela em si é carregada de valores, posto que, como ratifica Hadji (2001), é impossibilitada de ser neutra. A adoção prévia de critérios e apresentação ao sujeito que será valorado é essencial para que a avaliação seja mais completa, real e reflexiva acerca do que de fato o aluno compreendeu sobre o que fora abordado em aula.

Considerações finais

Esta pesquisa emergiu do Mestrado Profissional, do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN), da UENP, cujo foco reside na produção de um Produto Educacional com vistas a modificar uma situação-problema existente em ambientes formais de ensino. O PE que desenvolvido a partir desta pesquisa intitula-se “Curso de Formação Continuada: Avaliação como Aprendizagem: possibilidades para a autorregulação dos alunos” que, embora tenha em seu título “autorregulação dos alunos”, teve como foco os profissionais da Educação, mais especificamente, os professores, com a elaboração de um Curso de Formação Continuada. Isto porque entendemos que a ampliação conceitual e prática parte dos docentes, necessitando, assim, de repetidas atualizações, por meio de cursos formativos, para que acompanhem as demandas céleres e, ao mesmo tempo, passageiras, pelas quais passam a sociedade contemporânea deste início de século.

Iniciamos nossos trabalhos de pesquisa com a questão problematizadora “Um Curso de Formação Continuada de Professores envolvendo a temática de Avaliação como Aprendizagem pode influenciar a promoção da Autorregulação no ambiente escolar?”. E a partir desta questão tomamos certos direcionamentos na pesquisa, dos quais nos trouxeram inúmeros resultados.

Pautadas no referencial teórico, presente na Dissertação, aprofundamos nossos estudos sobre a Avaliação como Aprendizagem (Earl, 2003), cuja centralidade avaliativa está no discente, refletindo sobre sua própria aprendizagem. A Autoavaliação é peça fundamental, tendo em vista que é a estratégia avaliativa que melhor desenvolve a habilidade de o estudante avaliar seu aprendizado, promovendo a autorregulação, ao passo que reflete sobre o que aprendeu ou não, de que modo aprendeu e como aprende mais e/ou melhor.

A aplicação do curso formativo (PE) foi conduzido teórico-metodologicamente em cinco encontros, visando abordar a temática da pesquisa, colocando em destaque as contribuições do uso da AcA e da Autoavaliação em sala de aula como formas propícias de autorregulação da aprendizagem pelo próprio discente. Com a implementação do PE, geramos e obtivemos dados relevantes que demonstraram, sobretudo, a importância do contínuo processo formativo do docente para que ele esteja se atualizando quanto aos processos de ensino, de aprendizagem e de avaliação, entre outros.

Por meio da análise dos dados, constatamos que a Autoavaliação e a Autorregulação são possíveis de serem aprendidas e, se praticadas com frequência pelos professores em situações de ensino, pode conferir contribuições incomensuráveis aos processos de ensino e de aprendizagem por meio da avaliação, que é, também, um momento de aprendizagem.

Nos deparamos com a dificuldade de falta de materiais que explorassem a AcA e, sobretudo, relatos de seu uso na Educação Básica. Isso nos leva a uma questão que ocorre neste nível de ensino: a falta de publicação de trabalhos que relatem a prática em sala de aula. Os docentes da Educação Básica, envoltos pela extensa carga de trabalho, em sua grande maioria, não encontram tempo e disposição em sua rotina para compartilhar, em meio acadêmico, sua prática com os alunos, principalmente, as exitosas. Assim, mesmo que ocorram práticas pedagógicas que envolvam a AcA e a Autoavaliação em sala de aula, não se encontram trabalhos publicados que possam nos ancorar quanto suas contribuições.

Não obstante, esta questão nos leva a ratificar que pesquisas futuras possam relatar sobre a aplicação da AcA e da Autoavaliação diretamente com os alunos, de modo a evidenciar as contribuições da avaliação, cuja centralidade reside na autorregulação realizada pelo próprio estudante. A produção de cursos formativos que levem os professores a porem em prática o aprendizado sobre a tipologia de Earl (2003) constitui-se também como um vasto campo de pesquisa que poderia contribuir sobremaneira com a qualidade da avaliação que é aplicada nas salas de aulas.

Vale ressaltar, no entanto, que há um engessamento no modo como a avaliação é conduzida nas escolas e, mudanças assim, não ocorrem de um dia para noite. Por isso, é importante que, principalmente em lugares onde o estudo sobre a tipologia foi aprensentada, haja a continuidade para que, em vez de florescer a dar frutos, não acabe morrendo e sendo esquecidos todos os estudos e discussões conferidas. Sabemos que aos poucos é possível conduzir uma avaliação que esteja realmente a favor da aprendizagem do aluno, que esteja a serviço de seu desenvolvimento autônomo, que seja a porta de entrada para a construção de um indivíduo mais reflexivo, crítico, que saiba compreender e também conduzir sua aprendizagem.

É importante frisar que se não houver uma continuidade de pesquisas que fomentem não só estudos sobre a AcA e a Autoavaliação nas Universidades, mas que também levem para o chão das escolas de Educação Básica o conhecimento e a prática sobre o tema, estaremos estagnados por longas décadas adiante na mesma tipologia, cujo tipo central é a formativa, mas que ainda se sobrepõe a classificação por meio da avaliação somativa.

Esperamos que estudos como o que desenvolvemos nesta pesquisa possam se expandir mais, em quantidade e em período de tempo, principalmente, em diferentes níveis de ensino, uma vez que a Autorregulação pode ser aprendida e exercitada desde a Educação Infantil, prosseguindo até o Ensino Superior. Contudo, a realidade com que nos deparamos é adversa aos nossos anseios, por isso a necessidade de pesquisas que envolvam a AcA e a Autoavaliação em situações de ensino e de aprendizagem é de suma importância para que a literatura sobre a temática possa se expandir a ponto de quem sabe daqui uma ou duas décadas, a autorregulação seja algo tão natural como dormir ou alimentar-se todos os dias.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia:** Edição revista e ampliada. 1. Ed. Tradução da brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALCÂNTARA, C. M. G.; LOUREIRO, M. J.; LINHARES, R. N. Avaliação como aprendizagem**:** conceptualização e mapeamento de estudos. **Estud. Aval. Educ**., São Paulo, v. 32, 2021.

ALLAL, L. **Vers une pratique de l'évaluation formative**: matériel de formation continue des enseingnants. Bruxelas: De Boeck, 1991.

BARLOW, M. **Avaliação Escolar**: mitos e realidades. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BLACK, P.; WILLIAM, D. Classroom assessment and pedagogy. **Assessment in Education**: Principles, Policy & Practice, v. 25, n. 6, p. 551-575, 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** educação é a base. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 08 jun. 2026.

DANN, R. **Promoting assessment as learning**: improving the learning process. Londres: Routledge Farmer, 2002.

DANN, R. Assessment as learning: blurring the boundaries of assessment and learning for theory, policy and practice. **Assessment in Education**: Principles, Policy & Practice, v. 21, n. 2, p. 149-166, 2014.

DANN, R. Developing understanding of pupil feedback using Habermas' notion of communicative action. **Assessment in Education**: Principles, Policy & Practice, v. 23, n. 3, p. 396-414, 2016.

EARL, L. M. **Assessment as learning**: using classroom assessment to maximize student learning. Thousand Oaks: Corwin Press, 2003.

EARL, L. M. **Rethinking classroom assessment with purpose in mind**: assessment for learning, assessment as learning, assessment of learning. Edmoton: Western and Northern Canadian Protocol for Collaboration in Basic Education, 2006.

EARL, L. M. **Assessment as learning**: using classroom assessment to maximize student learning. 2ª Ed. Thousand Oaks: Corwin Press, 2013.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADJI, C. **A Avaliação, Regras do Jogo**: das intenções aos instrumentos. Tradutores: Júlia L. Ferreira e José M. Cláudio. Portugal: Porto Editora, 1994.

HADJI, C. **L´évaluation démystifiée**. Paris: ESF Éditeur, 1997.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HADJI, C. **Ajudar os alunos a fazer a autorregulação da sua aprendizagem**: Por quê? Como? (visando um ensino com orientação construtivista). Pinhais, PR: Melo, 2011.

HICKEY, D. T.; TAASOOBSHIRAZI, G.; CROSS, D. Assessment as learning: enhancing discourse, understanding, and achievement in innovative science curricula. **Journal of Research in Science Teaching**, v. 49, n. 10, p. 1240-1270, 2012.

LUCAS, L. B. **Axiologia relacional pedagógica e a formação inicial de professores de Biologia.** 285 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – UEL, Londrina, 2014.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**: Estudos e Proposições. 22 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2016.

MUTCH, C. Assessment for, of and as learning: developing a sustainable assessment culture in New Zealand schools. **Policy Futures in Education**, v. 10, n. 4, p. 374-385, 2012. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.2304/pfie.2012.10.4.374. Acesso em: 06 jun. 2026.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular do Paraná:** Princípios, Direitos e Orientações. Curitiba, 2018. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial_curricular_parana_cee.pdf. Acesso em: 08 jun. 2026.

SANTOS, L. **Auto-avaliação regulada:** por quê, o quê e como? mar. 2002. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/msantos/textos/DEBfinal.pdf>. Acesso em: 06 jun 2026.

TORRANCE, H. Assessment as learning? How the use of explicit learning objectives, assessment criteria and feedback in post-secondary education and training can come to dominate learning. **Assessment in Education**, v. 14, n. 3, p. 281-294, 2007.